

A menina da ponte

Anoitecia quando eu cheguei àquela cidadezinha meio perdida no sopé da montanha. Ela estava como eu me lembrava dela, há tantos anos, desde o fim da guerra, desde o dia que mudara minha vida para sempre. Estava como sempre tinha sido, resistente à passagem do tempo. Já perto dos sessenta anos, eu era um pintor muito bem - sucedido, viajando por todo o mundo, mimado pelos mais famosos expositores, com muitos zeros na conta bancária. Fiz uma pausa na série de *vernissages*, no acúmulo de badalações, e tirei uns dias para voltar ao passado, para voltar às boas lembranças. Depois de trinta anos, eu tinha de reencontrar uma certa pessoa. Eu não poderia morrer sem revê-la, pelo menos mais uma vez.

Não foi difícil encontrar a pequena relojoaria. Não poderia ser outra.

Com a cabeça totalmente branca, o homem teria uns poucos anos mais do que eu. Preparava-se para baixar as portas de seu negócio quando eu entrei, e veio atender-me, pressuroso, como se deve atender aos fregueses. Mas eu não era um freguês. Era alguém que precisava falar, que precisava agradecer.

Convenci-o a acompanhar-me à taverna. Àquela mesma taverna, tal qual a imagem guardada em minha lembrança do tempo em que eu estivera ali. Nem eu nem ele tocamos nas canecas de vinho que pedimos. Eu estava ansioso para falar e ele estava na expectativa, sem esconder a surpresa pela minha estranha visita. E eu falei:

– Quem eu sou, meu caro amigo, não é o que importa no momento. Mas quem eu fui. Na guerra, fui um soldado especial. Um sabotador. E eu era o melhor. Nunca havia falhado em uma missão, por mais arriscada que tivesse sido. Era capaz de manter-me concentrado no meu objetivo em qualquer situação. Nada havia que me distraísse. Nem o sorriso de uma linda mulher, nem o cansaço, nem mesmo o matraquear de uma metralhadora.

Isso foi há muitos anos, não? Pois, é, muitos anos... Talvez o senhor esteja estranhando que eu o tenha procurado para falar daquele tempo. É que, mesmo que o senhor não saiba, houve uma manhã em que nossas vidas se tocaram... Ou melhor, que talvez nossas vidas tenham se tocado, se o senhor é quem eu penso que é. Estivemos em lados opostos, naquele tempo, eu e o senhor. Agora não estamos mais, não é? Felizmente tudo acabou, mas, quando eu e o senhor estávamos em lados opostos, eu estive aqui, numa manhã inesquecível, durante a guerra. Durante a maldita guerra... Eu estive aqui, na sua cidade, na beira do rio... É estranho que eu fale tão bem a sua língua? Eu já a dominava muito bem desde aquele tempo. Um sabotador é como um espião: tem de misturar-se aos inimigos, como se fosse um deles, sem dar margens

a desconfianças. Ouça, por favor...

Quem me visse naquela manhã juraria que eu era o pescador mais descontraído deste mundo. Apenas alguém que tentava esquecer por algumas horas a brutalidade da guerra. Sentado à beira do rio, à sombra de uma nogueira frondosa, segurando languidamente um caniço, eu deixava o tempo passar, como os peixes passavam desinteressados em volta do anzol.

Os peixes tinham uma boa razão para não se interessar pelo meu anzol porque não havia nenhuma isca enganchada nele. Ah, ah! Eu jamais permitiria que um peixe, ao beliscar a isca, distraísse minha atenção do objetivo pelo qual eu estava ali, disfarçado de tranquilo pescador.

Eu chegara à margem do rio com tempo de sobra, fagara dois peixes e os deixara à mostra sobre uma folha de jornal, para o caso de alguém aparecer com alguma especulação. A partir do segundo peixe, mergulhei o anzol sem isca de volta no rio e concentrei-me somente na ponte.

A ponte... Lembra-se da velha ponte? Agora temos a nova, toda em concreto, muito menos bela do que a anterior. A velha ponte era uma construção sólida e longa, passagem estratégica para as tropas e os suprimentos dos inimigos. É, naquele tempo o senhor era um dos inimigos... Não é bom estarmos agora aqui, tomando um bom vinho como velhos amigos?

Mas deixe-me continuar. A ponte tinha de ser destruída. Três missões especiais já haviam sido enviadas para dinamitá-la. Especialistas em demolição mais que bem treinados tinham sido lançados à noite, de páraquedas, mas fora impossível colocar as cargas de explosivos nos pilares da estrutura. Aquele era um objetivo muito bem-guardado, cuidadosamente defendido pelo inimigo. Os inimigos eram os soldados do seu lado. Éramos inimigos, meu amigo. Agora nunca mais sere-mos. Mais um pouco de vinho? Não?

Pois é. Como eu ia dizendo, nossos demolidores tinham sido facilmente capturados. E fuzilados. A inclemência, dos dois lados, do meu e do seu, era brutal, uma era cópia da outra...

Bombardear a ponte com aviões seria impossível. As baterias antiaéreas do seu exército defendiam-se ainda melhor do que as patrulhas que, dia e noite, a rondavam com seus *dobermann* farejando cada canto. Além disso, um bombardeio poderia atingir esta pequena cidade, mandando

pelos ares centenas de inocentes... E nossa crueldade não chegava a tanto. Não é como hoje que... Bom, deixe-me continuar falando sobre o passado.

A ponte resistia e, com ela, a guerra continuava. Destruí-la era fundamental. Sem ela, com a retaguarda cortada, vocês teriam de capitular. Para o nosso lado, o fim da ponte talvez significasse a vitória tão longamente esperada.

Era então necessário que fosse enviado alguém especial. E esse alguém era eu. O melhor dos sabotadores. O sabotador infalível.

Como os que vieram antes de mim, eu havia descido suavemente em um páraquedas negro, numa noite de lua nova. Enterrei o páraquedas e disfarcei de tal modo a cova que cavei, cobrindo-a e disfarçando-a com as folhas avermelhadas do outono, que nem eu mesmo seria capaz de localizá-la novamente. Eu era experiente demais e sabia que, se o pára-quedas fosse descoberto, seria desencadeada uma caça furiosa ao páraquedista e mesmo eu, com todos os meus truques, com certeza acabaria localizado.

Eu descera com uma carga de um novo tipo de explosivo – novo para a época, não é? – extremamente destruidor, mas de pequeno porte. Tudo cabia na mochila de viajante que eu levava às costas. Caminhei com naturalidade pela estrada que ia dar na vila e, com os documentos falsificados que havia trazido, facilmente me instalei numa pensãozinha. Aquela construção ali, na praça, onde agora está o mercado. Convenci o proprietário que eu era um soldado que fora desmobilizado depois de ter sido ferido na frente de batalha. Disse que estava ali para descansar, pescar um pouco e esquecer os sofrimentos que havia passado. Um bom sabotador tem de ser um grande mentiroso. E eu era um grande sabotador.

Depois de cumprida a missão, hospedado na pensãozinha, eu aguardaria calmamente o fim da guerra. Aquela seria minha última missão. A maior de todas, a definitiva. Não me bastava destruir a ponte. Era preciso que a explosão ocorresse exatamente no momento em que um longo comboio de tanques, caminhões de transporte dos soldados e suprimentos estivesse passando sobre a ponte. Isso enfraqueceria ainda mais o inimigo. Oh, eu continuo falando em “inimigo” e me esquecendo que naquele tempo o senhor estava entre eles. Desculpe...

Era um sacrifício necessário. Graças à minha missão, a guerra seria abreviada e a morte daqueles soldados poderia ser o último massacre. A paz significava o fim do morticínio. Milhares de outras vidas seriam poupadas dali para a frente.

Na madrugada seguinte, subi a montante do rio e amarrei a carga de explosivos debaixo de um pequeno tronco cheio de galhos fartos e deixei que a correnteza o levasse calmamente na direção da ponte. Em poucos minutos, o galho enredou-se nos alicerces e por lá ficou, à espera do momento em que eu acionasse o detonador. Calmamente, voltei para a pensão e ainda consegui algumas boas horas de sono.

Na tarde anterior, eu tinha comprado o equipamento necessário para a pesca e, pouco depois do amanhecer, voltei sem pressa para a margem do rio.

Sentei-me na margem, a uns duzentos metros da ponte. Pesquei os dois peixes e montei o detonador. Cobri-o com uma pequena manta e encaixei o pistão do detonador sob meu joelho. No momento certo, era só baixar a perna e provocar a explosão. À minha direita, oculto no meio de uma moita ao alcance da minha mão, eu havia escondido o rádio de campanha. Liguei-o e transmiti à base que tudo estava pronto.

“Registrado” – respondeu meu comandante. – “Aguarde o comboio. De acordo com nossas informações, ele estará sobre a ponte mais ou menos a zero, nove, zero, zero. A explosão deve acontecer quando a vanguarda do comboio chegar na saída da ponte. Ela só deve ser explodida quando estiver totalmente coberta pelos caminhões e pelos tanques.”

“Positivo”, respondi num sussurro.

Joguei o anzol sem isca na água, acomodei-me confortavelmente sobre a relva ainda orvalhada e olhei para a ponte. A relva estendia-se em toda a extensão, já meio coberta pelas folhas que o vento derrubava das árvores, cujas copas aos poucos se tornavam vermelho-amareladas, anunciando o inverno. As folhas caíam lentamente e pousavam sobre a grama, que já começava a perder o verde.

Eu gostaria de ter escolhido o disfarce de pintor para poder registrar numa tela a paz e a beleza que me entravam pelos olhos e acariciavam-me a alma. Quando terminasse a guerra, talvez eu pudesse me dedicar à pintura. Em criança, eu sonhava em ser um artista. Minha vida, porém, acabara tomando outros rumos. Quando a guerra terminasse... Quem sabe?

Não parecia haver guerra, porém. No ar, só o perfume do rio limpo, da relva, das folhas secas. Não havia o cheiro dos incêndios, da pólvora, das explosões, do desespero, da morte... O friozinho do outono fazia com que me sentisse de bem com a vida, e eu aconchegava-me dentro do blusão grosso, pensando em como seria bom voltar ali e pescar de

verdade numa manhã como aquela, respirando o mesmo ar perfumado, ouvindo o mesmo sussurro das folhas secas dedilhadas pelo vento, num dueto suave com as águas do rio.

Ao longe, um dos *dobermann* latiu. Um cão vagabundo respondeu ao chamado em algum ponto da vila. O *dobermann* latiu de novo, contido por um dos muitos soldados que cercavam a ponte. A guarda era perfeita e parecia ter sido reforçada por causa das tropas que estavam para chegar. Nem uma mosca adversária conseguiria aproximar-se.

Só que aqueles soldados nada podiam fazer para impedir o que estava para acontecer. Em pouco tempo, um pequeno movimento meu faria com que até as moscas fossem pulverizadas pela explosão.

Atrás de mim, percebi um pequeno ruído. Olhei disfarçadamente por sobre o ombro. O barulho era causado por passinhos sobre a relva. Vinda da estrada que margeava o rio, uma figurinha aproximava-se:

– Bom dia, pescador.

Fingindo-me surpreendido, levantei os olhos.

A primeira coisa que vi foi um sorriso. Um lindo sorriso, numa linda boquinha de uma linda menina. Teria oito, talvez nove anos. Ou seriam sete? Especialista em avaliar adversários adultos, eu não era muito bom com crianças. Enfiei a mão disfarçadamente na moita e desliguei o rádio de campanha.

– Bom dia, menina – respondi, com um meio sorriso que ela talvez esperasse encontrar em um inocente pescador.

A menina, rosto, presença, combinava perfeitamente com aquela paisagem de paz, completava com graça a harmonia daquele momento.

– Puxa, você já pegou dois peixes! – continuou ela, como se eu fosse um velho amigo.

Sem cerimônia alguma, examinou os peixes, com ar de conhecedora. Eu fizera bem em pescar aqueles peixes: a menina não duvidaria do meu disfarce. Na verdade, era pequena demais para desconfiar de qualquer problema ligado à guerra. E sua expressão era pura demais para desconfiar de qualquer coisa.

– Duas trutas. Meu pai também gosta de pescar. Um dia, eu vou aprender a cozinhar. Quando o meu pai trouxer os peixes que ele pesca no fim de semana, eu vou cozinhar para ele. Também vou cozinhar os peixes para você, se você quiser.

– Eu gostaria muito... Obrigado.

A menina sentou-se na relva, ao meu lado. Não fiz nenhum gesto para repeli-la.

– Minha mãe cozinha muito bem. Ela já disse que vai me ensinar. Antes de o papai voltar da guerra, eu já vou saber cozinhar. Mamãe disse que a gente vai fazer uma festa linda para receber o papai.

Continuei fazendo-me de atento à linha mergulhada no rio e nada respondi.

– Você está convidado para a nossa festa. Vai ser ótima! Você quer vir?

– Quero. Obrigado pelo convite.

A garota pegou um matinho fino e colocou na boca, como um longo palito de dentes.

– Meu irmãozinho já sabe fazer um assobio com o mato. Eu nunca consigo, mas digo para ele que eu também sei fazer.

Ela mascou o matinho um pouco. Seu olhar fixava-se adiante, no mesmo ponto para onde apontava meu olhar dissimulado. Nós dois olhávamos para a ponte.

– Meu irmãozinho ainda não sabe ler. Mas ele adora ouvir histórias. Todas as noites, a mamãe lê histórias para a gente. Antes da guerra, era o papai que lia. Agora é a mamãe. Quando eu ainda não sabia ler, eu pegava os livros e fingia que lia para o meu irmãozinho. Ele ficava impressionado e ria, ria... Também, eu já sabia de cor e salteado aquelas histórias. Mas agora eu já aprendi a ler. Não preciso mais fingir. E o meu irmãozinho acabou ficando com duas pessoas para ler histórias para ele. Quando o papai voltar, ele vai ter três leitores! Acho que ele nem vai querer aprender a ler. Mas eu acho que ele também já sabe aquelas histórias de cor...

A menina falava, falava, ria e voltava a falar, como se me conhecesse há muito tempo.

– Você também está esperando o comboio passar? – perguntou ela.

– Comboio? Que comboio? – devolvi, fingidamente.

– Então você não sabe que vai chegar um comboio com as nossas tropas daqui a um pouquinho? Mas, ora, que bobagem! É claro que você não está aqui para ver o comboio. Você veio só pescar, não é?

– É...

– Eu adoro ver os caminhões cheios de soldados! Todos ficam iguaizinhos naqueles uniformes. Acenam para mim quando passam. E eu aceno de volta. Às vezes, eles até jogam uma barra de chocolate.

Olhei de lado para aqueles olhinhos que brilhavam com a palavra “chocolate”.

– Eu adoro chocolate! Hoje, se eu ganhar uma barra de chocolate, vou comer só um pouquinho. O resto, eu vou levar para o meu irmãozinho e para a mamãe...

Naquela hora, lamentei não ter trazido três enormes barras de chocolate para dar à menina. Porcaria de guerra! Precisava terminar logo, para que o racionamento acabasse, para que todos os países pudessem voltar a produzir barras de chocolate em vez de balas de chumbo, para que todas as meninas pudessem ganhar o doce que quisessem e para que fosse possível adoçar a vida de todo mundo, como aquela menina estava adoçando a minha.

– Sabe? – continuou ela, com um brilho ainda mais intenso no olhar. – O meu pai é um ótimo soldado. Eu tenho certeza de que ele não vai ser ferido na guerra. A mamãe sempre fala que ele vai voltar inteirinho. Inteirinho para nós...

O lindo olhar desviou-se do meu rosto e vagou pelo céu da manhã, pelo cinza-claro do amanhecer do outono. Iluminada por aquele olhar, a cor do céu parecia de primavera.

– Por que você não está fisingando mais nenhum peixe?

– Os peixes gostam de silêncio para morder a isca...

– Ai, desculpe! E eu fico aqui falando e espantando os seus peixes. Vou ficar caladinha, pode deixar... Prometo!

Mas a promessa foi esquecida no instante seguinte:

– O meu pai... Eu gosto tanto do papai! Ele não é soldado de verdade. Ele é relojoeiro. Você precisa ver o meu pai consertando relógios! Todas aquelas peças pequeninhas... ele pega as pecinhas com uma pinça e vai montando direitinho, uma em cima da outra. Acho que não existe um relojoeiro melhor do que ele. Quando era pequena eu ficava olhando o papai trabalhar. Se o seu relógio quebrar, pode deixar que o meu pai conserta.

– Obrigado. Vou me lembrar disso.

– O meu pai faz tudo bem. Não conserta só relógios, não. Sabe consertar qualquer coisa. E conta histórias como ninguém. Mas não é só para crianças que ele conta histórias. Nas festas, lá na vila, é sempre ele quem conta as melhores anedotas. Todo mundo morre de rir do meu pai. E ele canta também. Aprendeu com o vovô. Nas festas da vila, o papai...

E a menina continuou falando daquele super-homem que era o pai dela. Talvez para as outras pessoas ele fosse apenas o relojoeiro da vila, mas para a filha era um super-homem.

Sorri com orgulho do meu próprio trabalho. Muita gente, na certa, nunca compre-

enderia o que eu estava para fazer. Do meu trabalho, resultaria a morte de alguns, porém a guerra seria abreviada e muitas vidas poupadas. Talvez até, com a explosão da ponte, naquela manhã, eu estivesse salvando a vida daquele relojoeiro tão querido pela família. A guerra terminaria depressa e o relojoeiro voltaria para casa. Ah, aquela menina merecia que o pai voltasse logo para casa!

– Sabe de uma coisa, pescador? Eu tenho certeza de que vou ganhar uma barra de chocolate hoje.

– É mesmo?

– É. O comboio não vai parar na vila. Vai dar a volta depois da ponte e vai para o outro lado da montanha. Me contaram. Mas eu vou ganhar chocolate hoje.

– Como você pode ter tanta certeza?

Ao longe, nós dois ouvimos ronco de motores.

Mexi um pouco a perna, aprontando-me para pressionar o pistão do detonador.

A menina levantou-se. No seu rostinho inocente, havia um colorido mais intenso. E ela procurou colocar o máximo de suspense na próxima declaração:

– Sabe? Eu não lhe contei o principal...

– O principal? Que principal?

Com um ar de triunfo, de alegria incontida, de excitada expectativa, a menina respondeu:

– Eu sei que vou ganhar chocolate hoje. Sabe por quê?

– Por quê?

– Porque o meu pai está naquele comboio!

Meu coração pulou para a garganta e me senti empalidecer:

– Como?!

O primeiro tanque surgiu na lombada que antecedia a ponte. O ronco surdo dos motores invadiu o ar.

A menina andou para trás, ainda olhando para mim, com o sorriso mais esperançoso do mundo.

– O meu pai! Hoje eu vou ver o papai!

Voltou-se e correu como um coelhinho em direção à ponte.

Fiquei um momento inerte, o coração aos pulos, surpreso, pela primeira vez parali-

sado na iminência de uma ação. Eu, o mais gelado dos sabotadores. Eu, o sabotador infalível. Via a menina vencendo facilmente as duas centenas de metros que nos separava da ponte. Via os caminhões e os tanques aproximando-se pesadamente do outro lado do rio.

O primeiro tanque chegou quase à saída da ponte. Logo atrás vinha o primeiro caminhão, carregado de soldados.

Maquinalmente, liguei o rádio de campanha, oculto pela moita.

A menina já chegara à ponte e começava a acenar vigorosamente na direção dos soldados.

De cima do primeiro caminhão, alguns braços fardados acenaram de volta. Qual daqueles soldados seria o pai da menina? Estaria mesmo naquele comboio?

Do rádio, vinha a voz do comandante:

“Está tudo pronto? Já está na hora. Os caminhões devem estar chegando. O maldito inimigo é muito pontual. Avise quando o comboio aparecer. E deixe o rádio ligado. Quero ouvir a explosão dessa maldita ponte!”

Os caminhões entraram na ponte lentamente, pesadamente. A fila de máquinas de guerra era impressionante, longa, poderosa. Os informantes estavam certos. Certos quanto à hora da passagem pela ponte e quanto à importância militar daquele comboio.

A figurinha miúda da menina acenava, saltitava. Talvez gritasse alguma coisa, mas era impossível ouvi-la com o barulho dos motores.

Eu estava petrificado. Minha mão afrouxou, o caniço caiu na água e logo foi levado pela correnteza.

A voz do comandante continuava:

“Responda. Estamos na escuta. O comboio já apareceu?”

Permaneci mudo. Meu olhar fixava-se na ponte, hipnotizado pela pequena figura que se agitava freneticamente, chamando a atenção dos soldados.

“Responda. Por que não responde? Você já explodiu a ponte? Por que eu não ouvi nada?”

Àquela altura, toda a ponte já estava coberta pela imensa coluna de tanques e caminhões.

Uma imagem formava-se nítida em minha imaginação: eu via a explosão da ponte, os fragmentos de pedra voando pelos ares, os tanques e os caminhões despedaçados

em meio a uma festa de fogos de artifício... Pedacos de corpos de gente sendo jogados nas águas límpidas do rio... Junto com eles, pedacinhos da carne tenra da minha pequena amiga...

“Responda. O comboio já apareceu?”

Sem mover um músculo do rosto, respondi:

“Ainda não”.

Com um gesto, arranquei o fio do detonador.

Eu estava empolgado, excitado por minha própria narrativa mas, ao chegar ao fim dela, como um atleta que consegue cruzar a linha de chegada da maratona, minha mente começava a voltar à realidade e concentrei os olhos na minha platéia única, à espera da reação.

À minha frente, o que havia era uma boca entreaberta, dois olhos esbugalhados e um rosto branco como um lençol. O homem parecia não conseguir falar e eu percebi nele um instante de luta interior até que pudesse quase sussurrar:

– O que o senhor está dizendo? Isto é uma brincadeira, é?

– Brincadeira? Ora, meu senhor, eu jamais poderia brincar com uma coisa dessas.

Eu...

Sua palidez, aos poucos, foi sendo substituída por um rubor, primeiro róseo e, logo, vermelho, quase furioso:

– Esse relojoeiro! O único relojoeiro desta vila sou eu!

– Ora, sim! É claro. Por isso vim aqui, depois de tantos anos. Eu tinha de contar tudo isso para o homem abençoado que pôs no mundo uma criança como a sua filha. Afinal, eu e o senhor devemos nossa vida a ela. Muitos homens devem suas vidas e ela. E eu jamais soube sequer o nome de sua filha. Será que eu poderia encontrá-la? Porque eu gost...

O rosto do relojoeiro quase inchava de estupor. De sua garganta saiu a voz em tom baixo, mas cortante como bisturi:

– Isso é uma brincadeira de mau gosto, é? O senhor está falando da minha filha? Da minha filhinha?

– É claro... Ela já deve até estar casada. Deve ter-se tornado uma...

– O que o senhor está dizendo? Minha filha está morta!

Foi como um soco. Para mim, aquele menina deveria ter se tornado eterna, sempre



criança, como vivera por três décadas em minha memória.

– Oh, eu sinto muito! Que tragédia! Uma menina tão linda... Como foi que ela...

O homem não desviava os olhos rubros de mim e explodiu:

– Ela já estava morta um ano antes do início da guerra!

Estávamos ambos paralisados, um olhando para o outro. De repente, uma compreensão louca tomava conta de nós dois.

Tive vontade de abraçá-lo, de apertar aquele homem em meu peito, como dois naufragos que comemoram a chegada à terra firme. Mas não me movi. Apenas as minhas lágrimas juntavam-se às dele, corriam fartas pelo rosto. Sem nos tocar, nós soluçávamos, olhando-nos nos olhos, procurando compreender.

Em nossas cabeças, só havia uma imagem... Uma imagem delicada, uma imagem criança. A imagem de um anjo.